



centro de  
dramaturgia  
contemporânea

TÍTULO

# Constantin Gavrilovitch acaba de se matar

AUTOR

Rui Pina Coelho

ANO

2013

2015 Coimbra

OS TEXTOS DISPONIBILIZADOS PELO CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA NÃO TÊM FINS COMERCIAIS. QUALQUER UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL DO TEXTO, COM VISTA A UMA APRESENTAÇÃO PÚBLICA, COMERCIAL OU NÃO, DEVE OBRIGATORIAMENTE SER COMUNICADA AO AUTOR OU AO SEU REPRESENTANTE LEGAL. PARA ESTE EFEITO CONTACTE POR FAVOR O CENTRO DE DRAMATURGIA CONTEMPORÂNEA.

EDIÇÃO

**Centro de Dramaturgia Contemporânea**

[www.uc.pt/org/centrodramaturgia](http://www.uc.pt/org/centrodramaturgia)

AUTOR

**Rui Pina Coelho**

IDENTIDADE VISUAL / CONCEPÇÃO GRÁFICA

**António Barros**

**Pedro Góis**

© Julho 2015  
Centro de Dramaturgia Contemporânea



centro de  
dramaturgia  
contemporânea

TÍTULO

# Constantin Gavrilovitch acaba de se matar

AUTOR

Rui Pina Coelho

ANO

2013

*Qualquer idiota pode enfrentar  
uma crise. É a vida do dia-a-dia  
que te esgota.*

Frase atribuída a Anton Tchekov

2015 Coimbra



## Rui Pina Coelho

1975. Doutorado em Estudos Artísticos - Especialidade em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, é também docente na Escola Superior de Teatro e Cinema, desde o ano lectivo de 2006/2007, e Investigador Integrado no CET - Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa. Dirige (com Carlos Alberto Machado) a colecção de teatro *Azulcobalto* da editora Companhia das Ilhas. É autor de *Nina* (Trimagisto / Palco Oriental, 2004), *Júlia Borboleta e o Pau-brasil* (SOIR, 2006), *Às vezes quase me acontecem coisas boas quando me ponho a falar sozinho* (Trimagisto, 2009), *O velho sedentário e o jovem aventureiro* (Teatro O Bando, 2010), *Begginning* (Teatro o Bando/Emergency Exits Arts/Oulu City Theatre, 2011, com Arjunan Manuelpillai e Jukka Heinänen), *Já passaram quantos anos, perguntou ele* (TEP, 2011), *Um espectáculo para os meus compatriotas* (Negócio ZDB, 2012), *Constantin Gavrilovitch acaba de se matar* (Projecto Ruínas, 2013), *Ainda assim* (LAMA, 2014) e *Nós somos os Rolling Stones* (TEP, 2014). Colaborou na adaptação do romance *Jerusalém*, de Gonçalo M. Tavares (Teatro O Bando, 2007), da novela jornalística *A Grande catástrofe* do Teatro Baquet (Baquet, Trimagisto, 2012) e adaptou o romance *Os negócios do senhor Júlio César*, de Bertolt Brecht (TEP, 2013). Traduziu (com Ana Raquel Fernandes) *A morte de um caixeiro-viajante* e *Do alto da ponte*, de Arthur Miller (TEP), e *Vitória*, de Athol Fugard (Teatro dos Aloés). Como dramaturgista ou tradutor tem colaborado com Trimagisto - Cooperativa de Experimentação Teatral, Teatro o Bando, TEUC e Teatro dos Aloés. Desde 2010, colabora regularmente com o TEP - Teatro Experimental do Porto, enquanto dramaturgo e dramaturgista, dando apoio à direcção artística do encenador Gonçalo Amorim.

*As frases precedidas por esta marca (#) são projectadas.*

## PRÓLOGO

*Silêncio. **TREPLEV** rasga todos os manuscritos e atira-os para debaixo da mesa. Sai. Lá fora, ouve-se um tiro.*

### DORN

Não foi nada. Vai correr tudo bem.

# Constantin Gavrilovich acaba de se matar.

*Entra **TREPLEV**.*

## A NOITE

# Um bancário olha as árvores. É Outono. As árvores estão amarelas, vermelhas, castanhas. Apetece-lhe chorar. Mas o pano cai primeiro.

# Uma menina que é muito bonita vê uma figura de uma órfã, ao frio e à neve. Onde estão os papás, pergunta ela. Não tem. Morreram. Ambos. Diz o pai. Triste. Não te preocupes, papá. Amanhã vou desenhar os papás dela. Diz a menina que é muito bonita.

# Dezenas de bancários de mancas de alpaca acham excitante fazer contas. A matemática é picante no faroeste. Há tiros pelo ar.

# Isto podia acontecer num lado qualquer. Os espaços não garantem qualquer segurança. Um homem tropeça e deixa cair todas as moedas que tem no bolso.

# Um bando de bancários brincam com uma bola. É o recreio da banca. Assim que tocar para a entrada têm que ir fazer mais dinheiro.

# Hey, hey, hey, hey. Wow. Wow. São muitas pessoas à porta de um banco. Não querem entrar. Só querem que quem está lá dentro saiba que eles estão lá fora. Hey, hey, hey, hey. Wow. Wow.

# Um advogado prepara-se para saltar à corda. É impedido por todos. Ninguém quer que ele salte. Imagine-se o que poderia acontecer se um advogado saltasse à corda.

# Um bom começo. Ninguém quer começar mal. Uma criança chora na rua. Um bancário cobre-lhe os ombros com um casaco e deixa-lhe um folheto no bolso. Crédito fácil. Vai correr tudo bem.

# Uma menina faz tiro ao alvo com as caras dos políticos que recorta das revistas do pai. Um menino faz aviões de papel com notas de vinte euros.

# Uma menina canta para dentro de um elmo. Pode ser que eles ganhem alguma coisa na cabeça. Uma flor, por exemplo.

# Um homem de trinta anos tem uma pedra em cada mão. Chora, imóvel, com o peso sobre os joelhos. Olha uma menina a correr em direcção a polícias armados até aos dentes. À carga, grita ela. Tem uma mochila amarela e o mundo nas mãos.

# Um prédio arde.

# O pobre BB tem hoje 30 anos e está a recibos verdes. Foi visto, recentemente, a apedrejar uma vitrina em Atenas e a incendiar um Peugeot em Paris. O pobre BB está cada vez mais irritado.

# O pobre BB rebentou com uma montra da Gant em Birmingham. Estava a sentir-se um bocado fodido.

# Um rapaz recebe um telefonema. Escuta com muita atenção. Afasta o telefone da cara. Atira-o para longe. E corre.

# Uma fila longa de carros. Muitas buzinas. Há uma criança lá ao fundo. Sai do carro e começa a andar na direcção contrária.

# Um homem tem um folheto de um banco na mão. Olha para o seu pai, corpo quase morto, mãos de pedra, cansado, e ri-se. Olha para o pai e ri-se. Não, este ano também não vão de férias.

# Um polícia pede que uma porta se abra. Do outro lado, ninguém responde. Um polícia, olheiras caídas, calças largas, boné gasto, volta a pedir, encarecidamente, que uma porta se abra. Do outro lado, a música sobe de volume. Às vezes, para te fazeres entender, tens que pôr a música mais alto, respondem de dentro. Às vezes, para te fazeres entender, tens que pôr a música mais alto e cantar.

# Duas velhas andam na rua. Seguram nas mãos, ramos secos, sacos de plástico. Estão perdidas há duas horas. Andam pelas ruas.

# Quando tudo falha, podes sempre chorar. Pensou João. Hoje também não arranhou emprego.

# Alice leu o jornal, olhou em redor. Pousou-o em cima da mesa. Voltou a olhar em redor. Há pássaros num fio de electricidade. Crianças a correr. Mãos dadas. Um bebé que faz chichi pendurado pelos braços do pai. Para Alice o jornal já não interessa. Este jornal é uma merda, pensou. Que importa o rating quando há vida na minha rua.

# Um miúdo ouve o irmão mais velho. Ele fala-lhe de Joe Strummer. O miúdo não sabia que se podia ser assim.

# Uma rapariga bonita sai de um carro. Ajeita a mini-saia. Afasta-se a passo decidido. Se repararmos bem, chora.

# Uma cantora, famosa nos anos noventa, canta em playback numa discoteca. Estica a cara e saem-lhe sorrisos. Obrigado por terem vindo! Lananana. Ninguém a conhece. Todos se divertem. Sobretudo uma rapariga de cabelos vermelhos.

# A rapariga já quase sabe tocar a música toda. I Fought the Law. Os vizinhos do andar de baixo estão contentes. A fotografia do Joe Strummer abana um pouco com a vibração do amplificador, mas eles não se importam.

# Isto é Portugal. É assim que estamos. Com a música em altos berros. A cantar alto. A ver se alguém nos vem salvar. Ou mandar calar. Ou o caralho.

# Ainda faltará muito? Quanto tempo falta para que esta merda acabe?

# A rapariga aprendeu um novo riff. Os vizinhos de baixo acompanham-na nos pratos e painéis. Em breve, todo o prédio saberá tocar a música toda. We Fought the Law.

# Um funcionário do banco chega atrasado. A filha estava com febre. Não conseguiu chegar a horas. Pede desculpa. Mas desculpas não chegam. É hora de partir.

# Uma longa fila de carros. Uma rapariga ruiva prende o cabelo, abre a porta do carro e – subitamente, repito, subitamente – começa a correr. Começa a rir e a correr. Uma rapariga ruiva, repito.

# Um homem pede trocos. Um homem pede trocos. Um homem pede trocos. Um senhor dá-los. Um homem pede trocos. Um homem pede trocos. Um pede trocos.

# Há uma mesa com cinco mulheres. Todas falam animadas. Debruçam-se sobre um ipad. São – acho – fotos – acho – de férias – acho, pela conversa – na neve. Quando se debruçam o volume doce dos seus seios atira-se para a mesa. Estão animadas – acho, pelos risos – e os seios balançam em decotes latifúndios. Ao lado, um homem vasculha o caixote do lixo – tem fome – acho – pela rapidez com que vasculha.

# Uma mulher alta passa de saltos altos. O piso é irregular. Ela quase escorrega. Quase tropeça. Pára. Apanha o cabelo. E subitamente, repito, subitamente, descalça-se e começa a correr. Tem os cabelos ruivos.

## # Respira.

# Que tempo é este em que falar das árvores é quase um crime, perguntou o pobre BB. Ocupava-se ele nestes pensamentos quando recebe um telefonema -

# Uma mulher lê, devagar, uma revista. Um homem suspira e – resignado – pega no telefone e liga. Estou. É. Sim, sou eu. Podemos falar?

## # Res pi ra.

# Recebi hoje uma mensagem. Ela dizia: Voltarei em breve.

# Um bancário, encostado a um balcão, despeja o corpo sobre um pulso que lhe ampara a testa. Apetece-lhe chorar. Mas aparece um cliente. Queria fazer um levantamento, por favor.

# Um rapaz encostado a uma parede deixa que uma rapariga olhe para ele. Sorri-lhe de volta. Se pudesse ser tudo assim tão simples...

# Tens dinheiro?

Mais ou menos – porquê?

Tenho fome.

...

Mãe, tens dinheiro ou não?

Não.

...

Olha, vem aí o pai?

# Uma rapariga de cabelos vermelhos chega a correr. Acabou de incendiar o coração de um rapaz. Mas ela tem que fugir dali.

# Dois estranhos à espera de um avião.

Ele:

Olá. Desculpa. Queria só dizer-te que, se quisesse, podíamos conversar um bocado. Sinto-me tão triste. Acabaram de me incendiar o coração. Conversamos um bocado? Sinto que se não falo sobre o tempo, ou de onde vens, o que fazemos aqui, neste aeroporto, rebento. Ajudas-me? Falas um bocadinho comigo?

Ela:...

# O homem louro, de ipad a mão, com a altivez oca da burguesia, ocupa quase dois assentos. O homem moreno, cabisbaixo de séculos de culpa católica, aproxima-se:

- Isthiseattaken?

- Yeah, Sit down. Responde a torre louro, para que todos pudessem olhar.

Senta-se depois do enjoado burguês lentamente retirar do segundo assento uma coleção de propriedades. Jornais, Iphone, sacos de compras, auscultadores. Senta-se finalmente. O burro alemão não percebe nada do ipad. Gesticula, gesticula, toca e vira o ecrã, mas, na verdade, não está a fazer nada.

O homem moreno e cabisbaixo pouisa a mochila ao seu lado, abre-a, tira de lá um livro e começa a ler – vai directo à página marcada. Mas antes de começar a ler, pensa: Que se foda, puta que o pariu, vou para casa.

# Um homem fuma um cigarro. Há bombas que rebentam por cima e ao lado dele. Ao homem ocorre-lhe que aquelas explosões seriam um grande início para um espectáculo sobre a guerra.



# Um soldado esconde-se. Encolhe-se- Some-se. Desaparece. Um ponto a menos na guerra.

# Duas mulheres passam a correr. Apanham uma coisa do chão. Parece uma pequena bola. Uma granada?

# A

Hoje?

B

Sim, foi o que ouvi dizer

A

...

B

Tens que ter coragem. Vai correr tudo bem.

# Um soldado gatinha com uma mão agarrada ao estômago. Procura algo no chão. Não encontra. Não encontra. Cai, exausto. Vira-se de barriga para cima. Vai morrer mas antes quer ver as nuvens. Olha, aquela parece um chapéu. Ou uma jibóia com um elefante lá dentro.

# Um puto de jeans e t-shirt corre para um pelotão de polícia de choque. Todos fogem, ele investe. À carga! Está na hora de arreganhar os dentes. Os polícias têm bastões, cassetetes, fardas, armas, músculos. Não importa. Um puto de jeans e t-shirt corre para um pelotão de polícia de choque. À carga.

# Um pai ensina às filhas que mais vale morrer do que viver sem liberdade. Elas anseiam pela chegada da mãe. Querem ir brincar para o parque. Mas a mãe não vai chegar. A mãe foi baleada numa manifestação. Mais tarde, o pai vai repetir: mais vale morrer do que viver sem liberdade.

# Quatro amigos sentam-se a ver televisão. Está a dar a guerra. Eles falam uns com os outros. Quem é que vai lavar a loiça? Onde está o comando da televisão? Quem é que ficou de fazer o jantar? Alguém viu meu isqueiro? Na televisão está a dar a guerra. Em mais do que um canal.

#- Eu não sabia. Eu não vi.

- Mas eu avisei-te.

- Mas eu não sabia. Eu não sabia.

- E agora quem limpa?

- Eu trato disso.

Ele esfrega as mãos uma na outra. O sangue pinga. Limpa as mãos na farda. A farda fica vermelha. Tal como os olhos dela. Raiados de vermelho.

# Um grupo de crianças grita. Dois homens com armas empurram-nas para dentro de uma carrinha de caixa aberta. Gritam. Com os gritos, os homens não se conseguem fazer ouvir. Substituem as palavras de ordem por coronhadas. Ao longe, um puto de jeans e t-shirt corre na direcção dos homens armados. À carga.

# Um homem entra numa repartição de finanças cheia de gente. Toda a gente fala alto. Ele não se consegue ouvir a ele próprio. Olha em volta, devagar. Sai.

# Dois rapazes, olhando para uma rapariga bonita, que passa. Olha, diz Jorge. Sim, responde André. Eu sei. A rapariga segue decidida.

# **MARTA**

Vai-te embora!

# **ÂNGELA**

Tens que acreditar em mim. Eu amo-te.

# Um rapaz está sentado num banco de jardim. Suspira. Pensa na foto que tem no bolso do casaco.

# Duas raparigas dão risadinhas.

# **ALICE**

Nunca mais. Nunca. Juro.

# **JAIME**, com headphones, desfila pela rua ao som de Lou Reed. É um gladiador.

# **MISS PATRICIA**, uma jovem e bonita professora de inglês, olha através de uma janela enevoada. Desenha ociosamente na janela embaciada. Daqui a pouco rirá. E depois sai.

# Uma rapariga entra numa livraria. Olha em volta – pára subitamente quando se descobre reflectida num espelho. É quase meia-noite. E já não se reconhece.

# Uma rapariga senta-se. Afasta as pernas. Olha em volta à procura de uma cara familiar e puxa o seu vestido até às coxas. Melancolicamente, suspira. Não, ainda não.

# Duas raparigas olham uma para a outra. Júlia estica-se para tocar Lili no ombro. Sorriem. Beijam-se. Olham uma para a outra. Abraça-se num beijo longo.

# Dois rapazes olham um para o outro. João estica-se para tocar Miguel no ombro. Sorriem.

# Uma mulher, de fato, senta-se numa hamburgueria, sozinha. Daqui a pouco vai chorar.

# Um bando de gaiatos corre a perseguir uma bola de futebol.

# **Vai correr tudo bem.**

# Sete raparigas sentam-se numa mesa. Conversam animadamente. De repente,

uma delas levanta-se e afasta-se. Olha para o relógio e começa a correr.

# Uma rapariga bonita entra numa sala. Olha em volta. Todos olham para ela. Sorri, nervosa. Cinco segundos que duram séculos. Finalmente, ela vê o André.

## **ELA**

Pensei que já só te via para a semana!...

## **# JORGE**

Já não há causas pelas quais valha a pena lutar. Estou aborrecido, aborrecido, aborrecido.

# Dois amigos, à porta de um banco. - Vamos? – Sim. - Depois de ti. – Claro, meu querido. – Trouxeste? – Sim. – Vai ser um dia memorável. – Sim.

# Fred olha ansiosamente à procura de Chana. Está no meio do rossio. Olha de um canto a outro. Um bando de gaiatos passa a correr com uma bola de futebol. Um chuta-a e Fred leva com ela violentamente na cara. Ajoelha-se a sangrar do nariz e a chorar. Neste preciso momento, passa Chana, do outro lado, junto à igreja.

# Três polícias conversam debaixo de um toldo de uma loja. O mais baixo tem a mão sobre a mão do loirinho. Riem. Miguel, cego, num banco de jardim, com os phones nos ouvidos ouve The Clash.

# Uma mulher sorri para o marido. Acho que tenho que ir. Não, ainda não.

# É o aniversário de Raquel. Todas cantam Parabéns a você. Ela vai soprar as velas, mas subitamente, pára. Suspende-se por uns momentos, em silêncio. Amanhã se-rei pó.

# Numa janela de autocarro, um rapaz olha através do vidro. Lá fora, o sol convida toda a gente para um passeio. Ali – mesmo junto àquela esquina - vai uma rapariga bonita.

# Armando olha para o seu reflexo numa montra. Pensa em Van Gogh.

# Uma professor entra na cafetaria da escola e pede um café. Triste e cansada, olha para os alunos. Sorri. Discretamente, sai.

# Uma rapariga no metro sorri para um rapaz do outro lado da carruagem. Ele alaga-se em excitação. Não, ainda não, pensa ele.

# Dois velhos amigos falam animadamente à sombra de uma árvore. Tudo lhes passa ao lado. São as últimas duas montanhas do mundo.

# Uma jovem, linda, passa a correr. O seu cabelo é o vento.

## # Olha, é outra vez Janeiro.

# O funcionário de um banco chega ao trabalho. Falam todos ao mesmo tempo. Senta-se e olha para a janela.

# Estou sentado numa esplanada. Está calor. Ou melhor, está sol. Tenho os meus óculos de sol postos. A luz aflige-me. O Banco já me ficou com a casa. Já não é minha a casa onde a minha filha cresceu. Mas o sol na cara parece fazer com que nada tenha assim tanta importância. Está calor, ou melhor, está sol. É Agosto. E as coisas de Agosto não contam. Agosto não conta. Agosto é um intervalo. Estou sentado numa esplanada e não sei bem o que fazer a seguir. O Banco já me ficou com a casa e não tenho muito dinheiro de parte. Mas ela já se aproxima, vagarosamente, da minha mesa. Já me viu. Eu já a vi. Levanto a mão para a cumprimentar – ela acena, atira-me um beijo e apressa o passo em minha direção. Senta-se à minha frente sem dizer uma palavra. Atira as suas duas malas para o lado. Suspira e tenta recuperar o fôlego, sempre a sorrir. Apertamos as mãos. I've bought you a present, diz ela. Eu sorrio e penso que não era preciso um presente. Ela tem os cabelos ruivos e eu estou enfeitado. O Banco ficou-me com a casa mas ela tem os cabelos ruivos.

### O DIA

# Constantin Gavrilovich acaba de se matar.

#### TREPLEV

Um piano apareceu recentemente sobre um banco de areia no meio do rio Tejo.

Pesa cerca de 300 kg e está a cerca de 200 metros da margem.

A aparição do instrumento é um mistério – ninguém faz a mais pequena ideia de como o piano foi ali parar.

Colocado no ponto mais alto do banco, nem mesmo durante a maré alta ele fica submerso, nem corre, aparentemente, o risco de ser arrastado pelas águas.

Agentes oficiais da Guarda Costeira, que não sabem como o piano chegou ao local, dizem que não o moverão até que se torne um perigo para os animais ou para a população.

Da costa, o misterioso piano é visível a olho nu, sendo já uma atracção para os inúmeros turistas que ali acorrem para o ver. E, segundo informa a agência Lusa, com o auxílio de binóculos podem ver-se até algumas gaivotas que pousam sobre a sua madeira – e sobre as teclas. Pescadores afirmam que entoam algo parecido com a Internacional.

A menos que o item se torne um perigo, a Guarda Costeira não se irá envolver, disse um porta-voz do órgão oficial ouvido pelo jornal.

Oiçam, quando for mesmo para começar, nós chamamos. Agora não podem estar aqui. Por favor, vão-se embora.

Vai correr tudo bem.



centro de  
dramaturgia  
contemporânea